

A PATOLOGIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE EDUCACIONAL

João Victor de Oliveira¹, Waldeir dos Santos Eleotério², Silvane dos Santos Eleotério³

¹Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes – RJ, Av. Alberto Lamego, 2000 – Parque California, 28013-602, j_dias_oliveira@hotmail.com

²Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante-ES, Av. Elizabeth Minete Perim 500 (Bairro São Rafael), Venda Nova do Imigrante, ES, 29375-000, waldeirseleoterio@gmail.com

³Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Alegre-ES, Fazenda Caixa D'água, Rodovia 482, Km 47 – Distrito de Rive – Telefone: (28) 3564-1800, Alegre, ES, 29500-000, silvane.eleoterio@gmail.com
mateusmendes2302@hotmail.com

Resumo

Este trabalho teve como objetivo estudar os princípios teóricos da patologização na educação e buscou na literatura o que a homogeneização educacional contribuiu para que a medicalização fosse tão evidente e usada no decorrer do processo de alfabetização das nossas crianças e adolescentes na contemporaneidade. A pesquisa teve como apoio os artigos científicos disponibilizados no AVA MOODLE do Instituto Federal do Espírito Santo. Espera-se, com esse trabalho, elencar elementos que contribuam com a informação dos nossos professores, para que nossos alunos obtenham êxito no processo educacional, sem ter que fazer uso de medicamentos sem necessidades.

Palavras – Chaves: Homogeneização. Medicalização. Patologização.

Introdução

A educação brasileira na contemporaneidade passa por alguns agravantes no processo de alfabetização de nossas crianças e desinteresse dos adolescentes em concluir o ensino básico.

A falta de interesse segundo autores e pesquisadores da educação, pode estar relacionado a homogeneização da educação, ou seja, a educação brasileira não foi pensada para atender a todos e todas. A educação foi pensada para alfabetizar uma minoria branca elitista que iria comandar o país e governar à maneira de uma classe dominante que ditam as regras no Brasil. (MORAES et al,p.1, 2021) Pensando nisso, o estudo abordou temas relevantes como a patologização da educação, e constatou-se que a educação trabalhada de uma única forma não contribui para desenvolver o intelecto do aluno de uma forma heterogênea. Essa educação que foi pensada para atender apenas um tipo de público, não preparou os demais públicos periféricos para acompanhar ou atingir os nivelamentos dos alunos

que frequentam essa educação dita homogênea, que contribuiu e tem contribuído para que a população marginal continue sendo explorada e enganada pelos seus governantes e empregadores.

A patologização da educação teve início no momento em que um público heterogêneo começa frequentar os espaços escolares. Espaços estes que não foram pensados para atender as demandas de todas as populações miseráveis. Ou seja, os professores dessas escolas foram formados para trabalhar à moda do ensino Homogêneo, pensado pela elite, ensino esse que leva a competição e decoreba, não forma um cidadão crítico. (MORAES et al, p.1, 2021)

Sendo assim, com o fracasso escolar e o despreparo dos nossos docentes para alfabetizar e trabalhar com as crianças e adolescentes problemáticos, esses fatores têm contribuído com o número exacerbado do uso de medicamentos como Ritalina pelos nossos jovens e adolescentes no Brasil e em outros países.

A exploração de mão de obra escrava, a discriminação de corpos, nos países que foram Colonias Europeias, evidenciam um adoecimento da sua população pobre e marginal. Doenças essas que precisam ser curadas com a aceitação cultural e desenvolvimentos de um pensamento educacional que seja heterogêneo e inclua a todos e todas, e torne o saber mais dinâmico e acessível. Assim, essas futuras crianças e adolescentes poderão comungar do mesmo saber, de forma que há uma descentralização do conhecimento e insira esse público “doentes” em uma educação que forme cidadãos críticos, capazes de caminhar sozinhos, sem precisar de medicamentos para garantir um direito que é de todos, estudar e libertarem-se da opressão e de um sistema político que tem contribuído para o esfacelamento da educação pública e abandono da nossa gente.

Será mesmo que a patologização na educação contemporânea há cura?

A educação contemporânea está a ser repensada de acordo com teóricos, mas há um caminho muito longo a ser percorrido, pois, os resquícios da casa grande ainda assombam o nosso povo. Entende-se que é preciso colocarmos as Carolinas Maria de Jesus e Machados de Assises dentro dos espaços escolares vivenciando as suas realidades de mundo e que os seus auto didatismos contribuam ainda mais com suas presenças dentro das salas de aulas.

A inclusão brasileira da forma que foi pensada não incluir ninguém na realidade do século XXI, é preciso reeducar os nossos professores à moda freiriana e repensar a esculhambação que tem sido até nos presentes momentos a alfabetização das nossas crianças e adolescentes e buscarmos refletir juntos o que tem contribuído para o fracasso escolar e o adoecimento desses corpos.

Resultados e Discursão

Considerando as mazelas da educação pública que se estendeu por anos no Brasil, já era de se esperar pelo fracasso escolar da nossa população periférica e a avalanche de medicamentos usada pelas nossas crianças e adolescentes infratores do sistema educacional brasileiro. Ademais, a educação foi jogada de qualquer jeito para a população carente, assim como, as crianças especiais foram lançadas dentro das escolas “ditas regulares”, os governantes não ofereceram nenhuma formação de educação especial aos docentes e isso causou repulsa e aversão ao professor para com esses alunos e sem saber como trabalhar com os ditos “especiais” em sala de aula, a educação ofertada a eles não acontece na realidade.

Essas Mazelas políticas na educação são evidentes e se explicam quando o Estado obriga o docente a aprovar um aluno sem saber ler, ou realizar as quatro operações matemáticas de (adição, subtração, multiplicação e divisão). Em suma, é evidente que essa pseudo inclusão social irá se manifestar em nossa sociedade por um bom tempo.

Sabemos que ainda existem pessoas sem nenhuma formação acadêmica, alfabetizando alunos à moda homogênea e outras com formações acadêmicas deficientes se colocando no centro do saber e contribuindo para que ocorra a evasão escolar. Pensando nisso, o estudo traz alguns autores para dialogar com tais premissas, que têm contribuído com a medicalização e patologização da educação brasileira, ou seja, levando ao fracasso e a evasão escolar de nossos discentes.

Segundo Moysés e Collares (2014), o homem contemporâneo não sabe lidar com perdas, frustrações e enfrenta obstáculos para alcançar o que almeja. Ou seja, optam por medicamentos que na maioria das vezes podem causar danos piores ao indivíduo. Como: isolamento social, depressão, angústia. Esses medicamentos podem ajudar de uma certa forma, pois é necessária muita cautela no uso dessas drogas farmacêuticas.

De acordo com as autoras, na natureza o processo e fenômeno ocorre de forma natural, ao passo que na contemporaneidade, o homem intervém no comportamento humano e muda todo o processo de maquinaria humana, ao passo que a medicalização naturaliza a vida. (Moysés e collares, 2007).

No entanto, não podemos deixar de reconhecer que o processo da Tecnologia Ciências e Inovação é essencial e contribui de certa forma para a descoberta de fármacos que são fundamentais no controle de patógenos congênitos e adquiridos.

Sendo assim, é primordial que haja um controle mais rígido por parte da (ANVISA) – Agência Nacional de Vigilância Sanitária e pelo Ministério da Saúde, no consumo dos medicamentos como Ritalina e outros psicotrópicos, porque as pesquisas nos alertam através das estatísticas gráficas, o aumento exacerbado do uso desses medicamentos de forma descontrolada AVISA (2013).

Para tanto, percebe-se um interesse econômico por parte da indústria farmacêutica, que vai de encontro ao consumismo dos medicamentos que têm por objetivo tranquilizar as crianças e adolescentes e fazerem com que eles concentrem nos estudos.

Logo, evidencia-se o despreparo pedagógico dos professores em trabalhar com alunos infratores. Ou seja, a falta de interesse do docente em continuar os estudos, planejar as aulas, mudar a didática para incluir os discentes mais problemáticos no contexto pedagógico e didático nas suas aulas não acontecem.

Contudo, o pedagógico opta pela medicalização dos alunos, o que irá contribuir ainda mais para que ocorra a frustração, a exclusão e o isolamento do indivíduo, o que poderá acarretar em uma série de danos na psique desses alunos.

Como resultado de pesquisa bibliográfica, ressaltamos que a patologia da educação se encontra na raiz da sua formação. Na teoria Darwinista racista, que dizia – a espécie humana é múltipla, anatômica e filosoficamente diferente e psicologicamente desigual”. “O meio seleciona os mais aptos e elimina, os que não sobressaem no espaço social”. Em suma, um aluno da periferia não seria capaz de mudar as suas condições sociais porque nasceu na favela, desprovido de condições basilares para frequentar uma boa escola que os permitisse alcançar a ascensão social. Trocando em miúdos, essa teoria elitista afinal que o pobre já nasceu fracassado e desprovido das habilidades cognitivas se comparado a filhos de uma classe média que só estudam e frequentam boas escolas, ao passo que o filho do proletariado tem que conciliar estudos com trabalho.

Enfim, o único meio para tentar sanar essas mazelas na educação pública brasileira, seria a formação continuada dos professores e exigir qualificação e capacitação dos novos profissionais, para que o sistema público de ensino possa minimizar o esfacelamento que adoce as nossas crianças e adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a patologização na educação é um “problema” a ser solucionado pelas nossas autoridades governamentais e pelos órgãos de fiscalização do Ministério da saúde acima supracitado. Dessa maneira, as pesquisas realizadas nos artigos disponibilizados no AVA MOODLE, nos levam a concluir que a educação se eximiu de suas responsabilidades, uma que transformou o pseudo processo de escolarização de seus alunos em patógenos que devem ser curados ou minimizados através do uso de psicotrópicos.

A educação brasileira, não foi pensada para instruir os filhos dos miseráveis, mas sim, uma classe elitista que dita as regras nesse País. Por isso, presenciamos na contemporaneidade a dificuldade em promover a inclusão social dos nossos alunos e diminuir a evasão escolar em nossas escolas municipais e estaduais.

REFERÊNCIAS:

ANVISA (2013). **Boletim Brasileiro de avaliação de Tecnologias em Saúde (BRATS)**. nº 23 metilfenidato no tratamento de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

MOYSÉS, Maria. COLLARES, Cecília. **Mais de um século de patologização da educação.**

Diálogos em psicologia, ano I, n.1. Ourinhos/SP– Jul./dez.

2014. https://ava3.cefor.ifes.edu.br/pluginfile.php/49896/mod_resource/content/2/Mais%20de%20um%20s%C3%A9culo%20de%20patologiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf

MORAES, Edissônias. LEGNANI, Viviane. **Exclusão Escolar de crianças pobres: A atualidade da obra a produção do fracasso escolar.** Educativa, v.24.p. 1- 19, 2021.